

JORNAL DO BRASIL

O pacto de Sarney

Villas-Bôas Corrêa

O presidente José Sarney precisa dar um jeito qualquer e, com ou sem pacto formal, segurar as pontas da inflação para que possa resgatar o compromisso da transição democrática — o único passaporte para um lugar decoroso na história desses tempos sofridos e atribulados.

A esta altura adianta pouco ou nada estragar o fígado com a lembrança das oportunidades perdidas nos altos e baixos da Nova República, aliando o que podia ter sido e não foi, os avanços que patinaram no escorregadio das hesitações, as mudanças goradas pela timidez em ousar, o milagre da liderança dissolvida em equívocos, contida pelo patrulhamento dos muitos donos do êxito e que sumiram no acerto de contas do insucesso.

Para que remexer o baú das amarguras? Ninguém esqueceu, ninguém esquece. A hora da revisão soará, com paixões amainadas e uma visão ampla que permita abarcar o trecho percorrido e o pouco que falta na etapa decisiva do fecho da caminhada. Daqui até precisamente o 15 de março de 1990, data fixada pela Constituição para a posse do sucessor de Sarney, eleito pelo voto direto e por maioria absoluta.

Antes, até lá, a eleiçãozinha municipal que está por duas semanas, passando a limpo o quadro de 86 e que parece tão envelhecido, superado, tecido com os fios da ilusão e a eleição para valer de 89, depois de 29 anos da amarga garapa empurrada pela boca da eleição indireta, das fraudes e casuís-mos do arbítrio.

Para a avaliação das responsabilidades políticas de Sarney e dos seus objetivos nos dezesseis meses e meio finais do mandato de cinco anos convalidado pela Constituição, basta o reconhecimento de algumas obviedades. Apenas o registro, pois não carecem de justificativa.

Vamos a elas. O governo do presidente José Sarney não pode mais sonhar, nem mesmo na excitação do delírio, em reabilitar-se através da realização de obra administrativa considerável, tocada no bater do bumbo com os bolsos vazios, sem recursos para pagar o alegre funcionalismo em greve e as contas atrasadas.

Ora, se não adianta debulhar-se em cascata de lágrimas sobre o aguado leite poluído e custando o preço de champanha importada, salte-se a poça e em frente.

Que renitentes esperanças devem povoar as insônias do Palácio da Alvorada, que teimosas ambições sustentam a obstinada pretensão de justificar a batalha pelos cinco anos de mandato, embrulhado na derrota do parlamentarismo, quando parecia certa a mudança do sistema de governo?

Quem perdeu seu perdigueiro de estimação cuide de safar-se com o bichano sem dono, monarca vagabundo de todos os telhados de São Luís e do mundo.

Caçada de gato não rende muito. Nas circunstâncias é o tudo que contorna o risco de terminar no nada.

Sarney pode safar-se decorosamente executando o projeto da transição até o último ato. Sem ceder nada, não admitindo examinar qualquer concessão, prisioneiro do calendário. Tudo o mais é secundário ou terá que se enquadrar no objetivo prioritário.

O debate sobre o pacto e sua viabilidade econômica é tema para especialistas. Mas há uma colocação política que não pode ser descuidada. O governo nem pode deixar de fazer alguma coisa e depressa, antes que seja tarde demais, nem aventurar-se além dos seus sapatos rotos, necessitados de meia-sola para completar a caminhada.

Dele não se espera mais que um esforço sério, às claras e negociado, que contenha a disparada da hiperinflação, cozinhando a refeição do pobre na panela de aumentos suportáveis e compensados por justo mecanismo de correção dos salários. Como vai, não dá.

Falta isso, que é muito, para que Sarney recoloque, com um mínimo de credibilidade, seu reiterado compromisso com a restauração democrática.

As sugestões estapafúrdias que riscaram o céu da apreensão nos últimos dias não refletem apenas o açodamento de ambições que não querem esperar os prazos ou a imaturidade de lideranças pouco afeiçoadas às regras do jogo democrático. Elas resistem e prosperam no clima de insegurança que envolve Brasília e escorre por todo o país.

Parece fácil reconhecer que Sarney só conseguirá escrever o capítulo mais importante da sua biografia se fechá-lo ligando o fio da coerência das estripulias udenistas da *bossa nova*, a liderança popular que o conduziu ao governo do Maranhão pelo voto, derrubando poderosa oligarquia com a total, completa e acabada institucionalização democrática.

Qualquer outro enredo fica sem sentido. Mais: aponta para a desmoralização.

Mas, só o resultado cobrirá decepções.

Sarney não pode admitir conversa sobre a redução do seu mandato que custou tanto a fixar nos cinco anos da única guerrilha vitoriosa na Constituinte das derrotas do governo. Ficar para cumprir seu dever, honrar a palavra.

Eleições presidenciais em 89 estão garantidas. Mas, sempre depende de múltiplos fatores. A Constituição não anda sozinha. E, mais do que nunca, o governo necessita afirmar-se para não perder o pé e o equilíbrio.

Eleição, posse do eleito são os compromissos com a transição e consigo mesmo, com seu travesseiro e com sua vida. Mas para chegar a 89 é preciso atravessar 88. E está ficando difícil.

